

REVISITANDO A CIDADE DAS MULHERES POR RUTH LANDES

João Vinicius dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho revisita a obra *A Cidade das Mulheres*, da antropóloga Ruth Landes, com foco em suas contribuições para os estudos de gênero e raça no Brasil. O objeto de análise é a pesquisa etnográfica conduzida por Landes em Salvador, Bahia, em 1938, na qual ela documentou o protagonismo das mulheres negras e a presença de homens homossexuais nos terreiros de candomblé. O objetivo principal é apresentar os impactos sociais e políticos da obra, bem como refletir sobre a deslegitimização que Landes sofreu em razão de seu gênero, nacionalidade e recortes temáticos inovadores para a época. A metodologia utilizada baseia-se na análise crítica da produção de Landes à luz de autores contemporâneos e de sua recepção histórica. São exploradas as tensões entre a narrativa construída por Landes e o discurso hegemônico da “democracia racial” propagado por intelectuais como Gilberto Freyre. A pesquisa também destaca a importância do apoio de Edison Carneiro, intelectual negro brasileiro que auxiliou Landes no contato com a comunidade local. As conclusões apontam que *A Cidade das Mulheres* rompeu com paradigmas eurocêntricos ao evidenciar a centralidade das mulheres negras na economia e na política dos terreiros, bem como ao dar visibilidade a sujeitos marginalizados, como os homens homossexuais. Landes foi alvo de críticas e silenciamentos, mas sua obra é atualmente resgatada como pioneira e sensível às intersecções de raça, gênero e sexualidade. O trabalho destaca ainda como sua exclusão do cânone revela o machismo e racismo estruturais presentes na academia.

Palavras-chave: Ruth Landes; Candomblé; Democracia racial; Gênero; Raça.

Revisiting the city of women by Ruth Landes.

Abstract: This paper revisits *The City of Women*, a seminal work by anthropologist Ruth Landes, focusing on her contributions to gender and race studies in Brazil. The object of analysis is her 1938 ethnographic research in Salvador, Bahia, where she documented the central role of Black women and the presence of homosexual men within Candomblé religious communities. The main objective is to present the social and political impacts of Landes' work and to reflect on the delegitimization she faced due to her gender, nationality, and innovative thematic choices for her time. The methodology is based on a critical analysis of Landes' production in dialogue with contemporary scholars and the historical reception of her work. The study explores the tensions between Landes' narrative and the dominant discourse of “racial democracy” promoted by intellectuals like Gilberto Freyre. The research also highlights the role of Edison Carneiro, a Black Brazilian intellectual who facilitated her integration into local communities. The conclusions indicate that *The City of Women* broke with Eurocentric paradigms by revealing the centrality of Black women in the political and economic life of Afro-Brazilian religious communities and by recognizing marginalized subjects such as homosexual men. Although Landes' work was silenced and criticized, it is now regarded as a pioneering

¹ Mestrando em Direito e Justiça pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista pela CAPES. Especialização em Direito Público pela PUC Minas. MBA em Gestão de Pessoas pela PUC Minas. Graduado em Direito e Administração pela PUC Minas. Chefe de Gabinete da Diretoria Jurídica da SUDECAP.

Revisitando a cidade das mulheres por Ruth Landes

contribution to race, gender, and sexuality studies. The analysis underscores how her marginalization reflects structural sexism and racism in academia.

Keywords: Ruth Landes; Candomblé; Racial democracy; Gender; Race.

Revisitando la ciudad de las mujeres por Ruth Landes.

Resumen: Este trabajo revisita *La Ciudad de las Mujeres*, obra de la antropóloga Ruth Landes, enfocándose en sus aportes a los estudios de género y raza en Brasil. El objeto de análisis es su investigación etnográfica realizada en 1938 en Salvador de Bahía, donde documentó el protagonismo de las mujeres negras y la presencia de hombres homosexuales en los terreiros de candomblé. El objetivo principal es presentar los impactos sociales y políticos de la obra, así como reflexionar sobre la deslegitimación que sufrió Landes debido a su género, nacionalidad y los enfoques innovadores que adoptó. La metodología se basa en el análisis crítico de la producción de Landes a la luz de autores contemporáneos y de su recepción histórica. Se exploran las tensiones entre su narrativa y el discurso hegemónico de la "democracia racial" promovido por intelectuales como Gilberto Freyre. También se destaca el papel de Edison Carneiro, intelectual negro brasileño que facilitó su conexión con las comunidades locales. Las conclusiones señalan que *La Ciudad de las Mujeres* rompió con los paradigmas eurocéntricos al evidenciar la centralidad de las mujeres negras en la economía y la política de los terreiros, así como al visibilizar a sujetos marginados, como los hombres homosexuales. A pesar de haber sido criticada y silenciada, hoy su obra es reconocida como pionera en los estudios de raza, género y sexualidad. El trabajo resalta cómo su exclusión del canon académico refleja el machismo y el racismo estructurales aún presentes.

Palabras Clave: Ruth Landes; Candomblé; Democracia racial; Género; Raza.

Introdução

“A Cidade das Mulheres” é um livro publicado no Brasil, primeiramente, em 1967 e, em inglês, em 1947, escrito pela antropóloga norte-americana Ruth Landes. A obra retrata sua pesquisa realizada na cidade de Salvador, Bahia, com as comunidades negras, especialmente com as mulheres negras. Em 1938, Ruth Landes veio ao Brasil para realizar um estudo sobre a chamada “democracia racial”, com base nas contribuições de Gilberto Freyre². A obra oferece importantes reflexões sobre a experiência, as formas de produção de vida e a condição de subalternidade das mulheres negras.

A autora destaca três pontos relevantes que não estavam em debate pela elite intelectual da época, o que gerou grande desconforto entre importantes nomes que estudavam as questões raciais naquele período. Primeiro, porque ela aborda o papel e a importância das mães de santo sob um viés histórico, político, econômico e cultural logo no pós-abolição. Segundo, por retratar a atuação econômica das mulheres negras na cidade de Salvador naquele contexto. E, por fim, por tratar também da presença e relevância da comunidade homossexual, especificamente os homens homossexuais, nos terreiros de candomblé, um tema considerado tabu na época. O estudo das questões raciais no Brasil, desde a década de 1910, partindo da Escola de Sociologia da USP e atravessando diversas fases, foi marcado por uma perspectiva predominantemente eurocêntrica sobre as experiências raciais. Se, por um lado, os antropólogos e sociólogos da época buscavam idealizar um suposto purismo racial dentro da comunidade negra, por outro, havia intelectuais negros que propunham reflexões contrárias, valorizando formas de organização social que não se apoiavam nesse ideal de pureza. Sendo o Brasil um país miscigenado, existia, portanto, uma interlocução e uma intersecção constante entre diferentes culturas. Um desses intelectuais foi Edison de Souza Carneiro, amigo e importante colaborador da pesquisa de Landes. No marco dessa discussão, A Cidade das Mulheres propõe uma desconstrução crítica do pensamento racial predominante na antropologia e na sociologia da época. Um ponto central na produção da obra de Ruth Landes é o papel dos terreiros de candomblé, não apenas como espaços de culto e preservação da memória da ancestralidade

² Segundo Seyferth (1995), a ideia de “democracia racial” nasce da forma particular como o Brasil reinterpretou as teorias raciais do século XIX e início do XX. Enquanto na Europa predominava a crença na degeneração da mestiçagem, no Brasil ganhou força a tese do “branqueamento” e da miscigenação como caminho para o progresso. Assim, construiu-se um discurso segundo o qual não havia preconceito racial no país, pois a mistura entre negros, indígenas e brancos seria não apenas tolerada, mas vista como elemento formador da nacionalidade. Esse discurso foi apropriado pela elite intelectual e política brasileira, sendo naturalizado como um “milagre” de convivência entre raças. O termo “democracia racial” só se consolidou posteriormente, sobretudo no século XX, como parte de uma ideologia que negava a existência de racismo estrutural no Brasil, ao mesmo tempo em que as desigualdades sociais e raciais se mantinham. Nesse sentido, Freyre contribuiu ao valorizar a mestiçagem como marca positiva da cultura brasileira, mas não cunhou a expressão.

africana, mas, principalmente, como locais de produção de vida e de experiências sociais. A pesquisa de Landes contribui para que pesquisadores do século XXI reflitam sobre o processo de construção de uma historiografia negra e de uma experiência negra fundamentada nas próprias referências e modos de vida da população afrodescendente.

O objetivo deste trabalho é apresentar, ainda que brevemente, a obra “A Cidade das Mulheres” e os impactos sociais e políticos que ela gerou à época de sua publicação, e que hoje podem ser debatidos de maneira mais aprofundada. No momento em que a pesquisa de Landes foi divulgada, considerando que se tratava de uma mulher branca, norte-americana, formada por uma universidade de elite como a Columbia, e que se relacionava socialmente com pessoas negras, não faltaram comentários que buscavam deslegitimar sua produção intelectual. Ao retratar o poder político das mulheres negras nas comunidades baianas, sua atuação econômica e o uso do terreiro como espaço de resistência no cotidiano, Landes confrontou diretamente as obras dos grandes intelectuais do período, todos homens, brancos e heterossexuais, que ignoravam discussões sobre gênero, raça e a relevância do papel da mulher negra na sociedade.

Landescape

Nascida em 1908, em Nova York, Ruth Schlossberg Landes era filha de imigrantes judeus e cresceu em círculos progressistas marcados pelo ativismo trabalhista e pelo socialismo, nos quais circulavam intelectuais, judeus e negros. Seu pai, Joseph Schlossberg, foi um dos fundadores da Amalgamated Garment Workers' Union of America (AGWUA), um sindicato importante que organizava trabalhadores negros e mulheres. Sua mãe, Anna Grossman, teve formação formal superior ao pai de Ruth e trabalhou mesmo após o casamento. Nesse ambiente, Landes despertou interesse por questões de raça e gênero, o que a aproximou do professor Franz Boas, referência fundamental na Antropologia, que também orientou Gilberto Freyre (HEALEY, 1996; CORRÊA, 2002).

Landes casou-se jovem, mas o casamento foi breve, encerrado por sua incompatibilidade com os papéis de gênero da época, sendo considerada “inadequada” para a vida doméstica. Seu trabalho de mestrado focou fenômenos religiosos envolvendo negros judeus. Em 1932 ingressou no doutorado em Antropologia na Universidade de Columbia, sob orientação de Boas, e realizou pesquisas com o povo indígena Ojibwa, no Canadá, publicando posteriormente *Ojibwa Sociology* e *The Ojibwa Woman*. Desde então, já ressaltava a centralidade das questões de gênero. Criou forte vínculo com Ruth Benedict, de quem foi aluna em Columbia, e colaborou com ela em pesquisas entre os povos Potawatomi e Santee (HEALEY, 1996; CORRÊA, 2002).

Paralelamente ao trabalho etnográfico, Landes manteve vínculos com o movimento feminista norte-americano. Healey (1996) e Filho (2018) apontam que Landes usava uma forma de etnografia que destacava vozes femininas, tensões de gênero, agência individual e estilo narrativo reflexivo, dialogando com debates feministas emergentes nas décadas de 1930 a 1960. Esse caráter crítico de escrita etnográfica conferiu-lhe uma posição singular: contrariava o cânone antropológico masculino dominante, abrindo espaço para uma nova “autoria feminina” no registro etnográfico (OLIVEIRA FILHO, 2018).

Já vislumbrando uma vinda ao Brasil para iniciar estudos sobre questões raciais, em um possível quadro comparativo entre os Estados Unidos e o Brasil, Landes foi convidada a lecionar ciências sociais na Universidade de Fisk, como forma de se familiarizar com o material sobre a diáspora africana e “aprender a etiqueta dos negros” (CORRÊA, 2002, pg. 18). A Universidade de Fisk, localizada no Tennessee, era, à época, uma instituição voltada para a população negra. Ao começar a lecionar, Landes foi questionada por estudantes, conforme relata:

Vocês, os brancos, vêm aqui nos ensinar – disse-me, confidencialmente, um excelente estudante de cor de Fisk – porque não podem obter emprego numa escola branca respeitável. Estão nos explorando. Se fossem realmente competentes na sua profissão, seriam contratados por uma escola branca. (LANDES, 2002, pg. 38-39).

Landes afirma que essa “afirmativa desafiadora” era comum nos conflitos raciais norte-americanos. No entanto, no Brasil, as relações sociais marcadas pela raça se davam de forma distinta (LANDES, 2002). Com financiamento da Universidade de Columbia e encorajada por Boas e Benedict, Landes desembarcou no Brasil em 1938, no Rio de Janeiro, e, poucos meses depois, seguiu para Salvador. Ao chegar, Ruth tinha 30 anos, e seu principal interlocutor de pesquisa no Brasil foi Edison Carneiro, então com 26 anos. “Formado em Direito, jornalista e defensor do direito de os grupos de candomblé manifestarem suas crenças, ele tinha também recém-publicado dois livros: *Religiões Negras e Negros Bantos*” (CORRÊA, 2002, p. 11-12). Cabe enfatizar a importância de Edison Carneiro para a pesquisa de Landes: ele representou seu principal vínculo com a sociedade local (CORRÊA, 2002).

Em 1939, pouco mais de um ano após sua chegada ao Brasil, Landes foi expulsa de Salvador pelo governo baiano, que desconfiava de suas investigações e acreditava que sua pesquisa levantava questões sociais consideradas inconvenientes ao governo. Cumpre ressaltar que, em 1939, o Brasil vivia o período do Estado Novo, sob a Era Vargas, quando pesquisas intelectuais de cunho social não eram bem-vistas, especialmente se conduzidas por estrangeiros. Ao deixar Salvador, Landes seguiu para o Rio de Janeiro, onde tentou, sem sucesso, reverter a decisão de sua expulsão da Bahia. Após alguns meses, retornou aos Estados Unidos. Em

1966, um ano antes do lançamento de “A Cidade das Mulheres” no Brasil, Landes retornou para uma visita ao país. Ao longo de sua vida, manteve contato com Edison Carneiro (HEALEY, 1996; CORRÊA, 2002).

Nos Estados Unidos, Landes desenvolveu uma trajetória profissional marcada por diversas posições contratuais e visitas acadêmicas. Ao longo das décadas, atuou como pesquisadora para estudos de Gunnar Myrdal sobre afro-americanos, e trabalhou como consultora em questões de imigração, minorias culturais e envelhecimento. Lecionou ou foi professora visitante em instituições como Brooklyn College, Fisk, e McMaster University, esta última onde tornou-se professora emérita. Durante esse período, seu trabalho se aprofundou nas intersecções entre gênero, raça e agência cultural, mantendo o compromisso com uma antropologia comprometida com vozes marginalizadas. (FILHO, 2018).

A cidade das mulheres

“A Cidade das Mulheres”, publicado em 1947 nos Estados Unidos e em 1967 no Brasil, foi fruto da pesquisa realizada em Salvador, na Bahia, pela antropóloga norte-americana Ruth Landes. O período histórico é marcado pela singularidade das relações raciais, especialmente quando se comparam os contextos dos Estados Unidos e do Brasil. O trabalho produzido por Landes destacou marcadores de raça e gênero na construção da sociedade negra baiana, aspectos até então pouco explorados por outros pesquisadores, o que levou sua pesquisa a ser considerada periférica e até mesmo falaciosa por alguns.

O ponto central em “A Cidade das Mulheres” está na forma como o estudo evidencia a produção de experiências raciais, lançando luz sobre as vivências de mulheres negras em Salvador. Landes retrata, por exemplo, como essas mulheres se organizavam dentro dos terreiros a partir do cultivo da terra, da produção de alimentos e do cuidado com as práticas ancestrais africanas. Essas mulheres também ocupavam espaços no mercado de trabalho da cidade de Salvador: eram vendedoras de peixe, comerciantes nos mercados, lavadeiras, proprietárias, organizadoras da comunidade e responsáveis por criar formas de produção da vida que faziam a interlocução entre o mundo externo e o mundo interno das comunidades de terreiro.

O lugar da mulher negra na produção da sociologia e do pensamento teórico no Brasil é historicamente marcado por uma posição de subalternidade. Gilberto Freyre apontam que há três espaços historicamente atribuídos à mulher negra nas configurações políticas e sociais brasileiras: o corpo para o trabalho; o corpo para o prazer (não o da mulher negra, mas o prazer patriarcal, da branquitude); e o corpo do afeto, representado pelo arquétipo da “mãe preta”, aquela que cuida

da casa, dos filhos e da continuidade da vida da família branca e burguesa (FREYRE, 2004). Essa perspectiva é evidente em obras como *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, colega de Landes durante os estudos com Franz Boas, em que o autor discorre sobre a mulher negra, enquadrando-a exatamente nesses três lugares de subalternidade.

Um traço importante que Landes discute em “A Cidade das Mulheres” é que, em 1938, o lugar ocupado pelas mulheres em Salvador não correspondia aos papéis tradicionalmente atribuídos a elas pela sociedade. Havia, naquele contexto, toda uma produção de independência e articulação por parte das mulheres negras, que subvertia os lugares marcados e estereotipados frequentemente discutidos na literatura e no imaginário social. O papel da mulher negra era (e é) central na comunidade negra, como alguém que constantemente produz, propõe e mantém viva a memória coletiva. Esse é um dos retratos mais relevantes do trabalho de Landes, que ressoa até hoje nas formas de produção de vida das mulheres negras na contemporaneidade.

Outro aspecto de grande relevância abordado por Landes é o lugar da homossexualidade masculina dentro dos terreiros de candomblé, especialmente nos terreiros de caboclo. À época, prevalecia entre a elite intelectual brasileira a ideia de que o candomblé era uma prática cultural hermética, fortemente enraizada na experiência africana, e que, segundo essa concepção, a homossexualidade era vista como um tabu. No entanto, ao visitar terreiros de caboclo no interior da Bahia e em bairros periféricos de Salvador, Landes observou a presença ativa de homens homossexuais liderando comunidades religiosas. Essa constatação oferece uma nova perspectiva sobre os arranjos diaspóricos da vida negra fora do continente africano, desafiando noções rígidas sobre gênero e sexualidade.

Peter Fry destaca essa dimensão da homossexualidade no trabalho de Landes:

Ela sugeriu uma tendência; um gradual aumento do número de mães-de-santo nos candomblés mais tradicionais e um aumento do número de “homossexuais passivos” nos candomblés de caboclo [...] “homossexuais passivos” [...] para muitos destes, o candomblé representava um caminho para alcançar status e riqueza que a prostituição e pequenos crimes de rua jamais poderiam garantir. Mas de que forma a autora interpreta a tendência de aumento do poder “feminino” que observa no candomblé. (FRY, 2002, pg. 24).

No contexto de 1938, havia um marco político significativo relacionado à política estatal de embranquecimento da população brasileira. Esse processo era incentivado, entre outras formas, por meio da promoção de casamentos inter-raciais, uma ideia que já vinha sendo representada ao longo dos anos e que está exemplarmente ilustrada na pintura *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos, datada de 1895.

A Redenção de Cam

Em uma breve análise da obra, observa-se, à esquerda do quadro, uma mulher idosa, negra retinta e marcada pela escravidão. Ao centro, sua filha, uma mulher de pele mais clara, provavelmente fruto de uma relação violenta ou estupro, aparece ao lado do marido, um imigrante europeu. O casal tem um filho branco, que é representado em uma pose que remete à figura de Maria com o menino Jesus. A criança, vista como o “redentor” da raça, é colocada como símbolo de um futuro desejado por esse projeto de embranquecimento. A avó, negra retinta, eleva as mãos aos céus em sinal de gratidão.

A Redenção de Cam é um retrato emblemático de um projeto de darwinismo social, uma tentativa de “purificação” racial que não ficou restrita ao ano de 1895. A obra traz à tona temas como o apagamento da masculinidade negra, o estupro sistemático de mulheres negras e o embranquecimento forçado por meio da miscigenação com homens brancos. A história da população negra no Brasil é marcada por esse processo de extermínio, desde o período escravocrata até o pós-abolição.

A experiência do racismo impõe às comunidades negras, especialmente em Salvador, levou as mulheres a desenvolverem outras formas de organização da vida. Desde cedo, foram forçadas a ocupar o mercado de trabalho, ao contrário das mulheres brancas que, no processo de industrialização do Brasil, demoraram mais tempo para integrar esse espaço. No pós-abolição, as mulheres negras foram empurradas ao trabalho formal ou informal, tanto pela ausência de uma estrutura familiar nuclear burguesa, composta por homem, mulher e filhos, quanto pela própria dinâmica das comunidades negras, marcada pelos efeitos duradouros da escravidão.

Uma das contribuições mais significativas de “A Cidade das Mulheres” é a forma como a obra retrata a produção de vida das mulheres negras, mesmo diante do racismo, do extermínio e da morte, elementos constitutivos do genocídio histórico da população negra. Apesar desses fatores, as mulheres negras seguiam criando e sustentando formas de existência a partir dos terreiros de candomblé, buscando estratégias de articulação e de sobrevivência, inclusive de caráter político. Landes retrata o protagonismo da mulher negra no trecho:

A maioria dos homens que vêm de visita é pobre demais para ter uma casa ou para se dar ao luxo de um entretenimento comercial. Raramente conhecem os pais e muitas vezes viveram nos ruas. São parasitas, e as mulheres negras é que garantem a sua estabilidade. E as mulheres têm tudo: os templos, a religião, os cargos sacerdotais, a criação e a manutenção dos filhos e oportunidades de se sustentarem a si mesmas pelo trabalho doméstico e coisas semelhantes. Se os templos não acolhessem os homens, eles seriam relegados permanentemente às ruas,

onde se tornariam rufiões, como têm sido, há muito, no Rio de Janeiro. (LANDES, 2002, pg. 199).

No livro, Landes descreve a figura de “Mãe Menininha”, uma Mãe-de-Santo (Ialorixá) de enorme importância para a comunidade. Os políticos da época se dirigiam ao terreiro para negociar diretamente com Menininha questões de interesse coletivo. Landes registra em sua obra:

Menininha não se casou legalmente com ele pelas mesmas razões pelas quais as outras mães e sacerdotisas não se casavam. Teriam perdido muito. De acordo com as leis do Brasil, país católico e latino, a esposa deve submeter-se inteiramente à autoridade do marido. Quão inconcebível para a dominadora autoridade feminina! E tão poderosa é a tendência matriarcal, em que as mulheres se submetem apenas aos deuses [...] (LANDES, 2002, pg. 200).

O lugar de centralidade ocupado pelas mulheres negras é de extrema importância, e esse foi um traço pouco considerado na forma como o conhecimento vinha sendo produzido no Brasil, um modelo que, ainda hoje, privilegia majoritariamente perspectivas masculinas e brancas. As experiências às quais Ruth Landes foi sensível, justamente por ser mulher, não eram debatidas na produção acadêmica da época e, por isso, não se tornaram acessíveis ao público. Seu olhar permitiu registrar dimensões da vida social que permaneciam invisibilizadas pelas lentes tradicionais da antropologia e das ciências sociais.

Deslegitimação da produção intelectual de Landes.

Primeiramente, cumpre salientar que Ruth Landes foi colega de Gilberto Freyre durante o período em que ele estudou em Nova York, sendo ambos orientandos de Franz Boas, antropólogo fundamental para a construção das noções modernas de raça no século XX a partir da antropologia (HEALEY, 1996). Nesse contexto, surge um questionamento pertinente: por que “Casa-Grande & Senzala” é internacionalmente reconhecido como uma das maiores obras sobre o contexto sócio-racial brasileiro, enquanto “A Cidade das Mulheres” permanece em segundo plano, praticamente desconhecida? E não apenas a obra foi marginalizada, mas também sua autora?

A resposta para essa disparidade pode ser sintetizada em duas palavras que, quando combinadas pela lente de Landes, trilharam um caminho oposto ao dos estudos raciais dominantes da época: raça e gênero.

[...] as críticas que recebeu, na época, mostram bem que ela estava remando contra a maré. Ao desmontar este esquema

simplista, mostrando a preeminência das mulheres nos cultos nagô e dos homossexuais nos cultos caboclos, Landes expôs uma fratura de gênero na análise dos cultos afro-brasileiro que merece atenção até hoje. (CORRÊA, 2002, pg. 15).

Grande parte da produção intelectual de Ruth Landes ao longo de sua vida está ligada a formas de reorganização social e simbólica. Uma das contribuições centrais de “A Cidade das Mulheres” para os estudos contemporâneos sobre relações raciais e de gênero no Brasil, especialmente ao se considerar os marcadores da miscigenação, da colonização e da presença africana, é que a obra nos impulsiona a romper com uma perspectiva eurocêntrica. Landes propõe uma análise das experiências africanas na diáspora a partir de suas próprias formas de existência e produção cultural, e não apenas sob a ótica dos paradigmas ocidentais. Em sua pesquisa, ela identifica duas formas distintas de produção de subjetividade: a subjetividade feminina da mulher negra e a subjetividade masculina do homem negro.

No Brasil, o corpo negro, em razão do racismo estrutural, não é reconhecido como um corpo desejável. No entanto, o corpo da mulher negra é, de certa forma, mais “aceitável” socialmente do que o corpo do homem negro, em função dos ideais eugênicos que historicamente moldaram a sociedade brasileira. Peter Fry, ao refletir sobre essas questões, afirma que:

[...] reconhecer que Ruth Landes tocou em pelo menos três feridas [...] o status das mulheres na sociedade brasileira, o lugar da África na interpretação da “cultura negro” no Novo Mundo e a relação entre homossexualidade masculina e religiosidade afro-brasileira. (FRY, 2002, pg. 23-24).

“A Cidade das Mulheres”, ao ser publicado primeiramente nos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil, provocou grande repercussão na comunidade acadêmica. Intelectuais da época, tanto brasileiros quanto norte-americanos que realizavam pesquisas no Brasil, fizeram acusações graves e infundadas contra Ruth Landes.

Landes foi taxada de “puta”, pois muitos antropólogos insinuaram que o acesso que ela teve às informações em sua pesquisa só teria sido possível por meio de relações sexuais com homens negros. Essa acusação, profundamente racista e misógina, reflete não apenas o preconceito da época, mas também a dificuldade da comunidade científica em reconhecer a legitimidade de uma mulher tratando com seriedade e respeito temas ligados à religiosidade afro-brasileira, gênero e sexualidade. Houveram rumores que sugerem que teria havido um envolvimento amoroso entre Ruth Landes e Edison Carneiro, seu principal colaborador no Brasil. No entanto, essa hipótese nunca foi confirmada nem oficialmente negada, permanecendo no campo da especulação.

[...] a revelação destas questões sexuais por Landes incomodou seus colegas brasileiros, mesmo aqueles que gostavam da publicidade que Landes deu à importância demográfica e cultural do negro no Brasil. Afinados aos padrões transacionais da respeitabilidade nacional, converteram o adé num segredo nacional. Etnólogo e nacionalista, Arthur Ramos negou a idéia de que o Candomblé era um matriarcado e negou igualmente a presença homossexual. Acima disso, ao castigar Landes pela sua revelação apócrifa, colaborou com o antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits para acabar com a carreira dela. (MATORY, 2008, pg. 144).

Ruth Landes também foi acusada de ter inventado as informações presentes em “A Cidade das Mulheres”, justamente porque suas observações estavam muito distantes daquilo que os intelectuais da época, majoritariamente homens, brancos e alinhados com perspectivas eurocêntricas, produziam sobre a condição de vida das mulheres negras. Esse foi um dos principais entraves para que o livro fosse amplamente difundido. Mesmo nos dias atuais, sua obra ainda é pouco abordada dentro das universidades brasileiras. Durante muito tempo, “A Cidade das Mulheres” permaneceu esquecida. Foi somente com a crescente inserção da comunidade negra nas universidades e com o desejo de intelectuais negros de pesquisar e valorizar as memórias negras no Brasil que o livro ganhou novo fôlego, sendo relançado em 2002.

Na tradição antropológica da época, era comum que os pesquisadores realizassem longos períodos de trabalho de campo, publicassem suas pesquisas em forma de livro e, em seguida, assumissem cadeiras em universidades. No entanto, Ruth Landes levou 37 anos após a publicação de “A Cidade das Mulheres” para conseguir uma posição acadêmica estável. Esse longo intervalo se deve ao fato de que sua obra desafiava os paradigmas vigentes. Ao trazer, com sensibilidade e atenção, questões que não estavam no centro da produção de conhecimento da época, como a centralidade da mulher negra, as relações de gênero e a presença da homossexualidade nos terreiros de candomblé, Landes enfrentou resistência e marginalização dentro do meio acadêmico. Esse apagamento é, em grande medida, um reflexo do machismo estrutural presente tanto na sociedade quanto na ciência.

Considerações finais

Em seu curto período no Brasil, pouco mais de um ano, Ruth Landes desenvolveu um trabalho que resultou em um livro e três artigos, todos compilados na edição de 2002. Essa produção já foi suficiente para causar um desconforto

internacional junto à comunidade intelectual logo em sua primeira edição em 1947. Quando Landes veio ao Brasil, tendo as comunidades negras da Bahia como foco de sua pesquisa, o que se difundia era o mito da “democracia racial”. Essa ideia, sustentada por pesquisas como o clássico “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, ia ao encontro da episteme dominante do período.

Ruth Landes estudou a mulher negra sendo ela mesma uma mulher branca e, mesmo diante de todas as adversidades enfrentadas, conseguiu lecionar sobre essa temática em universidades. Hoje, Landes é considerada uma referência nesse campo. No entanto, ao se ler “A Cidade das Mulheres” com um olhar contemporâneo, especialmente a partir de 2021, muitas passagens se mostram problemáticas. É transparente na escrita da autora a crença de que o racismo no Brasil não poderia ser comparado ao dos Estados Unidos. Segundo ela mesma afirma em diversas passagens do livro, os problemas no Brasil eram mais estruturais e sociais do que raciais. À época, ainda não se utilizava o termo “racismo estrutural”, que se encaixa de forma bastante adequada às alegações da autora.

Diante dessas questões que podem ser problematizadas em sua obra, é importante ressaltar alguns fatos: o trabalho foi realizado entre 1938 e 1939. É evidente que a estrutura social daquele tempo mudou significativamente. Para o contexto de Landes, sua pesquisa foi revolucionária, a ponto de gerar incômodo entre intelectuais. Soma-se a isso o fato de que ela era uma mulher em um campo dominado por homens. O machismo estrutural do meio acadêmico, ainda hoje amplamente discutido, deslegitimou por completo tanto sua pesquisa quanto sua reputação. Gilberto Freyre, cuja obra representa a episteme dominante, hoje é alvo de inúmeras críticas por reproduzir uma visão romantizada e racista das relações raciais no Brasil.

Não se trata aqui de “passar pano” para a pesquisa de Landes, mas de reconhecer sensibilidades que ela teve e que muitos outros não demonstraram. Landes reconheceu a presença das mulheres negras e dos homens homossexuais não apenas no candomblé, mas como agentes ativos da sociedade, participando da economia, da política e da cultura. A narrativa de sua pesquisa é leve e envolvente, e evidencia a proximidade que ela estabeleceu com os sujeitos pesquisados, assim como o desconforto que sentia em relação às normas sociais impostas a ela como mulher branca estrangeira no Brasil de 1939.

A pesquisa de Landes mostra como a sensibilidade e o olhar marcado, do ponto de vista de uma mulher branca, mas, sobretudo, de uma mulher em 1939, permitiram refletir e apontar questões que escapavam à lógica masculina e branca predominante na produção de conhecimento. Hoje, mais de 50 anos após sua primeira publicação no Brasil, sua obra,

Revisitando a cidade das mulheres por Ruth Landes

embora ainda não amplamente difundida, está acessível e disponível para ser redescoberta por novos leitores e pesquisadores.

Referências

BROCOS, Modesto. *A redenção de Cam*. Pintura. 1895. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

CORRÊA, Mariza. *Esboços no Espelho*. Prefácio. In: LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2002. p. 09-22.

FILHO, José Hildo de Oliveira. *Ruth Landes and the remaking of the anthropological canon*. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, v. 15, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/ycy7CBpy7FZjXdb43Y3vGCw/?format=html&lang=en>. Acesso em: 27 set. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49 ed. rev. São Paulo. Global. 2004.

FRY, Peter. *Apresentação*. In: LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2002. p. 23-30

HEALEY, Mark. *Os desencontros da tradição em Cidade das Mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 6/7, p. 153-199, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1865>>. Acesso em: 10 jan. 2025

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2002.

LEHMANN, David. *Gilberto Freyre: a reavaliação prossegue*. Horizonte Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n 29, p. 369-382, jan/jun. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v14n29/a15v14n29.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MATORY, J. Lorand. *Feminismo, nacionalismo, e a luta pelo significado do adé no Candomblé*: ou, como Edison Carneiro e Ruth Landes inverteram o curso da história. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2008, v. 51, nº 01. p. 107-121 Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27302/29074>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. (2025).

Revisitando a cidade das mulheres por Ruth Landes

OLIVEIRA, Amurabi. **Amizade e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros**. Latitude. Vol. 12, nº 2º, p. 589-617, 2017. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/4031/pdf>>. Acesso em: 10 jan.2025

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos**. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, n. 93, p. 175-203, 1995. Disponível em: https://www.dan2.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1993/anuario93_giraldaseyferth.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.